Entre frequências e silêncios: A sub-representação das mulheres no rádio esportivo do Maranhão

Between Frequencies and Silences: The Rarity of the Female Voice in Maranhão's Sports Radio

Entre frecuencias y silencios: la rareza de la voz femenina en la radio deportiva de Maranhão

Ananda Kallyne Muniz Portilho; Nayane Brito

Resumo

Este artigo mapeia a presença de profissionais mulheres no rádio esportivo do Maranhão, nas cidades de Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz e São Luís, no primeiro semestre de 2025. O levantamento resultou na identificação de apenas uma voz feminina entre 22 rádios comerciais, das quais sete possuem programas e/ou departamentos esportivos. À luz dos pensamentos feministas de bell hooks (2013), Audre Lorde (2020) e Margareth Rago (2013, 1991) as autoras discutem a sub-representação das mulheres no campo esportivo radiofônico e a dimensão política da presença singular da setorista Natalhi Ribeiro (2025), entendida como uma fissura nas estruturas de poder sustentadas pelo androcentrismo.

Palavras-chave: Rádio esportivo; Gênero; Feminismo; Sub-representação feminina; Maranhão

>> Como citar este texto:

PORTILHO, Ananda Kallyne Muniz; BRITO, Nayane. Entre frequências e silêncios: A sub-representação das mulheres no rádio esportivo do Maranhão. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 60-76, jan./abr. 2025.

Sobre a autoria

Ananda Kallyne Muniz Portilho
portilhoananda@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0000-5010-1369>

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Integra o Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora no Maranhão (RPM). É jornalista e atua com comunicação institucional.

Nayane Brito
nayanebritojornalista@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9989-8804>

Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professora substituta do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Integra os grupos de pesquisa Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa), Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP) e Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora no Maranhão (RPM).

Abstract

This article maps the presence of women professionals in sports radio across the cities of Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz, and São Luís, in the state of Maranhão, during the first half of 2025. The survey led to the identification of a single female voice among 22 commercial radio stations, seven of which feature sports programs and/or dedicated sports departments. Drawing on the feminist perspectives of bell hooks (2013), Audre Lorde (2020), and Margareth Rago (2013, 1991), the authors discuss the underrepresentation of women in the field of sports radio and interpret the solitary presence of reporter Natalhi Ribeiro (2025) as a political act of resistance—an opening in power structures grounded in androcentrism.

Keywords: Sports radio; Gender; Feminism; Female underrepresentation; Maranhão.

Resumen

Este artículo mapea la presencia de mujeres profesionales en la radio deportiva en las ciudades de Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz y São Luís, en el estado de Maranhão, durante el primer semestre de 2025. El levantamiento culminó con la identificación de una única voz femenina entre 22 emisoras comerciales, de las cuales siete poseen programas y/o departamentos deportivos. A la luz de los pensamientos feministas de bell hooks (2013), Audre Lorde (2020) y Margareth Rago (2013, 1991), las autoras discuten la subrepresentación de las mujeres en el ámbito deportivo radiofónico e interpretan la presencia solitaria de la reportera Natalhi Ribeiro (2025) como un acto político de resistencia: una fisura en las estructuras de poder sustentadas en el androcentrismo.

Palabras clave: Radio deportiva; Género; Feminismo; Subrepresentación femenina; Maranhão.

Introdução

Nos últimos anos, a crescente produção de pesquisas que abordam o rádio brasileiro e a participação histórica das mulheres nesse meio de comunicação aponta para uma realidade ainda pouco estudada: a marcada influência do patriarcado e de seus derivados - o machismo e a misoginia - que criou um

contexto confortável e favorável ao sexo masculino, o qual, desde sempre, detém o protagonismo até mesmo daquilo que não lhe pertence.

A atuação de mulheres na história do rádio e da comunicação, assim como o silenciamento a elas imposto, reforçam a perpetuação de histórias únicas, vindas de fontes únicas, raramente uma fonte feminina. É sobre o perigo da história única que a escritora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adchie (2009), alerta há mais de 15 anos. Histórias que não são contadas desaparecem. Histórias enviesadas tornam-se verdades absolutas. É necessário recorrer a múltiplas fontes para alcançar uma compreensão completa sobre o objeto de estudo, pois a variedade dos relatos e das fontes de informação agrega complexidade à construção do conhecimento.

Como sociedade brasileira, por muito tempo fomos vítimas da história única da radiodifusão. O discurso de Eitácio Pessoa, por exemplo, foi considerado até 2019 o marco inicial do rádio no Brasil. Foi a investigação por diferentes pesquisadores e a coleta de dados e relatos em fontes diversas, promovida pelo trabalho de fôlego dos estudiosos brasileiros Luiz Maranhão Filho e Pedro Serico Vaz, que se chegou a uma nova data: 6 de abril de 1919, reconhecida oficialmente na Carta de Natal (2019).

Seis anos depois, evocamos a pesquisadora Constância Lima Duarte (2022), que trata do memoricídio das mulheres na literatura brasileira, para trazer à tona um conceito que passa pela história das mulheres no rádio, recentemente abordado pelas pesquisadoras Ferro, Gomes e Zuculoto (2023), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): o apagamento sistemático da contribuição feminina na história do rádio no Brasil. E não seria o memoricídio mais uma vertente para a perpetuação de histórias unicamente masculinas?

Não há outro caminho para se discutir essa realidade senão a partir dos fundamentos do movimento feminista, que denuncia o cerceamento do espaço público às mulheres (RAGO, 2001). O machismo que ainda impera na comunicação mundial decorre dessa desvalorização de tudo aquilo que é feminino, estabelecendo “caixas” e “rótulos” que estigmatizam as mulheres e

dificultam sua entrada e permanência em ambientes historicamente masculinos, como o jornalismo esportivo, neste caso específico, o rádio esportivo.

Num Brasil de dimensões continental, as realidades vividas por mulheres no radiojornalismo esportivo são diversas, o que reforça a necessidade de estudos que abordem recortes mais específicos. Discussões dessa complexidade exigem respaldo em dados científicos. Assim, este artigo mapeou, no primeiro semestre de 2025, a atuação profissional de mulheres em programas e departamentos esportivos de rádios comerciais em cinco cidades de diferentes regiões do Maranhão: Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz e São Luís, capital deste estado do nordeste brasileiro. O recorte adotado é coerente com a delimitação proposta em uma pesquisa de dissertação desenvolvida por uma das autoras. O resultado encontrado é expressivo: há apenas uma única mulher no rádio esportivo comercial do Maranhão, a setorista Natalhi Ribeiro, de 29 anos, que trabalha na Rádio Timbira FM (95,5), que funciona em São Luís.

Além da inegável importância da reconstituição histórica a partir da inclusão das mulheres na trajetória do rádio esportivo brasileiro e, neste caso especificamente, maranhense, também é primordial que a história presente seja registrada para que futuramente não existam tantas lacunas sobre a participação feminina no relato histórico do rádio esportivo do país. Este trabalho começa pelo mapeamento atual das mulheres no rádio, pesquisa que vem sendo construída a muitas mãos femininas. A seguir, discutir-se-á o cenário do radiojornalismo esportivo maranhense, a partir da análise dos dados coletados durante pesquisa exploratória.

O rádio que engole as mulheres

Assim como no Brasil, o radiojornalismo esportivo nasceu atrelado ao futebol no Maranhão. Botelho (2004) aponta que o surgimento da modalidade de comunicação especializada ocorreu na década de 1940 no estado, junto com o movimento de profissionalização do futebol maranhense. As transmissões de partidas e as jornadas esportivas fizeram coro à inevitável popularização do

esporte que, em poucos anos, se tornaria em poucos anos o queridinho do país. E não poderia ser diferente, já que o jornalismo esportivo no rádio carrega características únicas que destoam do jornalismo “limpo” e imparcial exigido nas demais editorias. É um espaço onde se permite criar, inovar. Barbeiro e Rangel (2006) o caracterizam como um meio de comunicação que informa, mas que também emociona, diverte e mobiliza o ouvinte por meio de uma experiência sensorial, que só é possível pela espontaneidade que a radiofonia permite.

Embora seja um território de inovação na performance do jornalismo, rompendo com os modelos tradicionais da objetividade jornalística, o radiojornalismo esportivo revela-se extremamente contraditório ao se consolidar como a editoria mais hostil para as mulheres, sobretudo àquelas que desejam atuar profissionalmente na área. Tal realidade converge com o ponto inicial: rádio esportivo e futebol são indissociáveis. Isso significa que o radiojornalismo esportivo se consolidou como um espaço de oralidade masculina, onde homens - apenas por serem homens - detêm autoridade técnica. Enquanto isso, mulheres, ao adentrarem esses espaços, são silenciadas e deslegitimadas, mesmo que tais comportamentos sejam travestidos de elogios que, na verdade, reduzem as mulheres a figuras decorativas e/ou alegóricas.

Em outras palavras, o rádio esportivo é um espaço cruel para mulheres que ousam romper os limites estabelecidos patriarcalmente para elas. Diante desse cenário, toda e qualquer atuação feminina no radiojornalismo esportivo, dentro de programas ou departamentos esportivos, deve ser considerada um ato de resistência. Isso porque, enquanto os homens falam livremente a partir de seus “achismos”, as profissionais mulheres carregam o peso de medir cada vírgula do que dizem, pois não nasceram com o “direito à voz”.

Por isso, não é possível discutir tal assunto senão pela perspectiva feminista que, neste trabalho, se ancora nos pensamentos de bell hooks (2013), Audre Lorde (2020) e Margareth Rago (2013, 1991). Como defende Lorde (2020), o silêncio que nos é imposto deve ser transformado em linguagem e ação para ser, então, um “ato de autodefinição”. Essa discussão abrange o ato

revolucionário que as mulheres que persistem no rádio esportivo realizam ao romperem o silêncio histórico, reivindicando seu lugar de fala e colocando suas presenças como um ato político.

No Maranhão - de acordo com os vestígios encontrados até o momento - a primeira revolucionária foi uma mulher preta: Helena Leite. O pioneirismo da radialista e entusiasta da cultura maranhense foi destaque na pesquisa da jornalista Maria de Jesus Nascimento (2024), que revelou: “Foi na rádio Educadora AM, na década de 70, que ela [Helena Leite] se tornou a primeira mulher a fazer coberturas de jornadas esportivas como repórter de campo no Estádio Municipal Nhozinho Santos” (NASCIMENTO, 2024, p. 37), em São Luís. Helena Leite desencarnou em março de 2019, por causas naturais.

O protagonismo de uma mulher preta no rádio esportivo maranhense - historicamente masculino e, por vezes, branco - é um marco emblemático que perpassa o feminismo com recorte racial. Isso evoca as reflexões de bell hooks sobre a compreensão do gênero a partir da intersecção de raça, uma vez que a trajetória de mulheres negras em espaços públicos é acompanhada por estratégias constantes de sobrevivência e resistência.

A atuação de Helena Leite no rádio maranhense também provoca, para as autoras deste trabalho, uma discussão paralela, porém válida: a popularidade da radialista pode estar atrelada à sua atuação como defensora e divulgadora cultural? Apesar de também ser permeada por machismo, a cultura pode ser considerada um campo mais aceitável para a presença das mulheres nos meios de comunicação, oferecendo menos resistência à presença feminina. De todo modo, é inegável que a trajetória de Helena Leite no esporte e na cultura foi revolucionária, sobretudo por se tratar de uma mulher preta e retinta, que invadiu o campo esportivo e promoveu fissuras nas estruturas de poder.

Dizer que o rádio engole as mulheres é tocar no conceito de paisagem sonora generificada da pesquisadora Raphaela Ferro (2024). O termo se refere à construção do rádio esportivo brasileiro como um ambiente sonoro hegemonicamente masculino, o que dificulta e marginaliza a presença feminina,

sobretudo no microfone. Apesar de recente, a abordagem da doutoranda vem “dar nome” e “tornar palpável” o sistêmico silenciamento das mulheres no campo esportivo.

O Maranhão não destoa disso. O rádio esportivo maranhense tem voz masculina, sobretudo quando se observa o rádio comercial, objeto deste trabalho, pois 99% dos integrantes de departamentos esportivos e programas esportivos em Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz e São Luís são homens. As poucas mulheres que ousaram destoar no espaço majoritariamente masculino não permaneceram. Paralelo a esse levantamento, a dissertação de uma das autoras também investigou a presença de mulheres no rádio esportivo dessas cinco cidades e encontrou um total de dez mulheres, incluindo Helena Leite, com participação em programas ou departamentos esportivos ao longo de toda a trajetória de quatro rádios comerciais, as únicas com vestígios da atuação feminina no esporte.

Esse levantamento corrobora a ideia de paisagem sonora generificada, defendida por Ferro (2024), e reforça a discussão acerca da voz feminina como um som descredibilizante, o que não só reforça estereótipos de gênero, mas também torna o ambiente do rádio esportivo maranhense hostil para mulheres que desejam ultrapassar os limites de atuação profissional impostos socialmente. A paisagem sonora generificada, em sua construção, passa por uma lógica que correlaciona qualidades vocais - timbre e entonação - à autoridade e, ao contrário da voz feminina, credibilidade.

Trajetória da pesquisa

Este levantamento partiu da pesquisa exploratória (MARCONI; LAKATOS, 2003), baseada na busca ativa de pesquisadores e pessoas envolvidas no cenário do rádio esportivo maranhense, seja por meio da investigação da modalidade ou sendo parte delas nessas cinco cidades elencadas no escopo do trabalho em questão. A investigação adotou uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório, com o objetivo de mapear e compreender a presença

feminina na editoria esportiva do rádio maranhense. Para isso, optou-se pelo contato direto com fontes locais e especialistas na área, priorizando a construção de uma rede de informações que possibilitasse a identificação de rádios comerciais com programação esportiva e, sobretudo, a existência ou não de mulheres atuando nesse segmento.

O ponto de partida metodológico foi o acionamento de uma rede de pesquisadoras que estudam o rádio no Maranhão, com destaque para as doutoras do Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora, listado no CNPq, Izani Mustafá e Nayane Brito. Seus trabalhos voltados à presença feminina nas ondas do rádio forneceram contatos estratégicos nos cinco municípios definidos como foco deste estudo: Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz e São Luís. A partir dessas indicações iniciais, estabeleceu-se diálogo com profissionais de rádio e pesquisadores da área, como a jornalista e mestrande do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMA, campus Imperatriz, Rafaette de Araújo (Açailândia), a locutora da Rádio Boa Notícia FM (91,1) Eanes Silva (Balsas), o diretor de jornalismo da Rádio Nordeste de Caxias FM (98,7), Jardel Almeida (Imperatriz), e o pesquisador Saylon Sousa (UFMA/São Luís).

Os dados foram levantados no período de 22 a 27 de janeiro de 2025, com uso predominante do aplicativo WhatsApp como meio de contato, além de ligações telefônicas em situações específicas. O levantamento envolveu: (1) a identificação do número de rádios comerciais em cada cidade; (2) a verificação da existência de departamentos ou programas esportivos; e (3) a busca por registros da atuação de mulheres nesse contexto. Como fonte auxiliar, foram utilizados os dados do Mosaico Anatel¹, plataforma pública de consulta aos canais de radiodifusão do país, que, embora tenha contribuído com informações gerais, mostrou-se desatualizada e insuficiente para um mapeamento completo. Assim, o conhecimento empírico das fontes locais foi decisivo para suprir lacunas e validar informações.

Em Açailândia, município com 106.550 habitantes (IBGE, 2022), foram

¹ Mosaico Anatel. Disponível em: <https://sistemas.anatel.gov.br/mosaico/>

mapeadas as Rádios Marconi FM (101,9), Clube FM (98,1) e Açaí FM (104,7). Apenas esta última possui programação esportiva ativa, porém sem participação feminina na equipe. Não foram localizados registros anteriores à pesquisa que indicassem a presença de mulheres nas coberturas esportivas da cidade.

Na cidade de Balsas, com 101.767 habitantes, foi identificada apenas uma rádio comercial em funcionamento, a Rádio Boa Notícia FM (91,1). Embora conte com um departamento esportivo, atualmente não há mulheres na equipe. A busca ativa, entretanto, revelou a atuação da locutora Máxima Oliveira, que integrou a equipe esportiva da emissora por dois anos, em um período anterior à pesquisa.

Imperatriz, segunda maior cidade do estado, com 273.110 habitantes, apresentou seis rádios comerciais: Rádio Imperial FM (95,9), Rádio Nativa FM (99,5), Rádio Difusora FM (105,1), Rádio Terra FM (100,3), Rádio Mirante (95,1), Rádio Clube FM (102,9) e Cidade Esperança FM (106,9) – antiga Rádio Imperatriz e a primeira a fazer transmissões no município. Dentre elas, apenas a Mirante e a Imperial mantêm, ainda que de maneira sazonal, conteúdo esportivo. Nenhuma conta atualmente com mulheres nas equipes esportivas. No entanto, na Rádio Mirante FM (95,1) foi possível resgatar vestígios da participação de pelo menos três mulheres, em diferentes momentos, ao longo das três décadas do programa “Show de Bola Mirante”.

No município de Caxias, com 156.973 habitantes, foram mapeadas três rádios: Difusora FM (103,3), Nordeste FM (98,7) e Veneza FM (102,3). Nenhuma possui atualmente programação esportiva, tampouco foram encontrados registros de atuação feminina nesse segmento, mesmo considerando que duas delas já tenham exibido conteúdo esportivo no passado.

Por fim, em São Luís, capital do estado, com uma população de 1.037.775 habitantes, o mapeamento identificou oito rádios comerciais: Mirante News FM (104,1), Jovem Pan FM (102,5), Esperança FM (100,9), Timbira FM (95,5), Mirante FM (96,1), Difusora News FM (93,1), 92 FM e Educadora FM Católica FM (88,3). Apenas três delas mantêm programação esportiva – Mirante News FM, Mirante

FM e Timbira FM – e, dentre essas, duas (Mirante FM e Timbira FM) contam com mulheres em atuação nas equipes esportivas.

Ao todo, foram localizadas 22 rádios comerciais nos municípios estudados, distribuídas da seguinte forma: Açailândia (3), Balsas (1), Caxias (3), Imperatriz (7) e São Luís (8). Dentre essas, apenas sete mantêm departamentos ou programas esportivos. Ainda mais restrita é a presença feminina nesse espaço: apenas uma emissora, em São Luís, conta atualmente com uma mulher atuando na editoria esportiva: a jornalista Natalhi Ribeiro, de 29 anos, que há cinco meses atua como setorista na Rádio Timbira FM.

A **Tabela 1** apresenta a delimitação das rádios comerciais nos cinco municípios maranhenses investigados, destacando a existência ou não de programação esportiva em suas grades e a atuação feminina nesse segmento. O objetivo é oferecer uma visão comparativa e quantitativa que evidencie a desigualdade de gênero ainda presente no radiojornalismo esportivo regional.

Tabela 1 - Delimitação de rádios comerciais e diferenciação da presença de programação esportiva e atuação de mulheres

Cidade	Rádio	Esporte	Mulheres no ar	Vestígios
Açailândia	Marconi FM	Não	Não	Não
	Clube FM	Não	Não	Não
	Açaí FM	Sim	Não	Não
Balsas	Boa Notícia	Sim	Não	Sim
Caxias	Difusora FM	Não	Não	Não
	Nordeste FM	Não	Não	Não
	Veneza FM	Não	Não	Não
Imperatriz	Imperial FM	Sim	Não	Não
	Nativa FM	Não	Não	Não
	Terra FM	Não	Não	Não
	Difusora Sul FM	Não	Não	Não
	Cidade Esperança FM	Não	Não	Não
	Mirante FM	Sim	Não	Sim
	Clube FM	Não	Não	Não

São Luís

Mirante News	Sim	Não	Não
Jovem Pan	Não	Não	Não
Esperança FM	Não	Não	Não
Timbira FM	Sim	Sim	Sim
Mirante FM	Sim	Não	Não
Difusora News	Não	Não	Não
92 FM	Não	Não	Sim
Educadora FM	Não	Não	Sim

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Cabe destacar que, embora a Rádio Timbira FM seja um veículo estatal, ela opera em frequência comercial e, por isso, foi incluída no levantamento. Além da atual presença feminina, a emissora também guarda registros de participações anteriores de mulheres no setor esportivo.

As informações relacionadas à jornalista Natalhi Ribeiro foram obtidas por meio de contato direto com a profissional, pelo canal WhatsApp, em uma conversa inicial e breve realizada em 25 de janeiro de 2025, com o intuito de confirmar e coletar dados básicos. Posteriormente, a jornalista será entrevistada para a construção da dissertação de uma das autoras.

Sozinha no dial: resultados e discussões

A jornalista Natalhi Alves Ribeiro, conhecida no rádio como Natalhi Ribeiro, tem 29 anos, é bacharela em Jornalismo e especialista em jornalismo esportivo. Atualmente, é a única mulher no ar no rádio esportivo comercial maranhense, entre as cinco cidades investigadas. Em janeiro, quando as informações foram coletadas, Natalhi estava há quatro meses na função de repórter de campo (setorista). A solidão da jornalista nas ondas do rádio esportivo maranhense revela, de forma contundente, a sub-representação que as mulheres têm no radiojornalismo esportivo do Maranhão.

Embora a pesquisa não tenha mapeado os 217 municípios que integram o território maranhense, a análise feita nas cinco maiores cidades do estado - Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz e São Luís -, que concentram maior desenvolvimento econômico e funcionam como polos educacionais, fornece um

forte indicativo da invisibilidade feminina no jornalismo esportivo de rádio. Essa invisibilidade refere-se ao apagamento das vozes femininas. bell hooks (2013) já problematizava esse silenciamento como parte de um projeto que busca perpetuar a autoridade masculina e colocar o feminino como exceção, trazendo uma reflexão necessária acerca da não neutralidade dessas realidades, mas a sistematização dessa segregação e desse apagamento, uma vez que além de não terem “direito” a ocupar tais lugares, quando o fazem, têm suas colaborações excluídas da memória coletiva. Nem sempre isso ocorre de forma consciente, mas somente o fato de menosprezar a participação de mulheres, não reconhecendo o ato revolucionário que é estar dentro de uma equipe ou departamento esportivo, é suficiente para contar essas histórias da perspectiva masculina.

A dimensão revolucionária considerada nesta pesquisa também se evidencia na não permanência de mulheres no rádio esportivo maranhense. A investigação, conforme demonstrado na Tabela 1, indicou que, embora atualmente apenas uma mulher esteja em atividade, outras já fizeram parte da trajetória do radiojornalismo esportivo no estado. A pesquisa exploratória indicou dez nomes, incluindo Natalhi Ribeiro e Helena Leite, em quatro rádios nas cidades de Açailândia, Balsas, Imperatriz e São Luís.

A **Tabela 2** reúne as profissionais identificadas ao longo da pesquisa como parte da trajetória do radiojornalismo esportivo maranhense, evidenciando participações femininas historicamente invisibilizadas nesse campo.

Tabela 2 - Profissionais mulheres identificadas como parte da história do radiojornalismo esportivo maranhense

Cidades	Profissionais	Rádio
Balsas	Máxima Oliveira	Boa Notícia FM
Imperatriz	Dina Prado	Mirante FM
	Pollyana Barros	Mirante FM
	Ananda Portilho	Mirante FM
São Luís	Helena Leite	Timbira FM
	Quécia Carvalho	Timbira FM

Natalhi Ribeiro	Timbira FM
Maysa Pestana	Timbira FM
Dani Kline	Timbira FM
Beatriz Marks	92 FM

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Esse levantamento incluiu a participação fixa ou pontual dessas mulheres em programas esportivos no rádio maranhense em suas diversas formas: narração, comentário, reportagem e apresentação em todo o período de existência do rádio maranhense. Compreende-se que os resultados encontrados não são verdades absolutas, visto que esta pesquisa ainda está em desenvolvimento e se debruça na busca por vestígios da participação de outras mulheres na trajetória radiofônica esportiva do Maranhão.

Antes de Natalhi Ribeiro (2025) se tornar a única voz feminina no rádio esportivo maranhense, ela compartilhou as ondas radiofônicas com outras mulheres, também revolucionárias, que, em um ato político, ocuparam um espaço que lhes é negado de forma rotineira. É importante considerar os resultados adjacentes dessa pesquisa, mesmo que não sejam o foco desse artigo, porque eles podem colaborar para o entendimento mais completo do cenário atual do rádio esportivo maranhense desenvolvido nas rádios comerciais, recorte deste trabalho. Ainda que não seja possível estabelecer com precisão os motivos que levaram à não permanência dessas mulheres no rádio esportivo, é essencial refletir sobre as barreiras estruturais que dificultam essa continuidade e que resultam em um cenário de isolamento da voz feminina no meio.

Discutir a constituição da subjetividade feminina nos espaços público é um caminho necessário para pensar a entrada e a permanência de mulheres em meios tradicionalmente masculinos. De acordo com os pensamentos da historiadora Margareth Rago (2013), a invasão desses espaços proporciona a construção de uma imagem feminina que desafia a lógica do silêncio. Dessa forma, a presença resistente da setorista Natalhi Ribeiro (2025) pode soar como um desafio à invisibilidade em um ambiente que tenta de forma recorrente negar sua legitimidade como profissional do campo esportivo. É a reconstrução de si

mesma em um ambiente quase inóspito. Não obstante a isso, pode-se enxergar o rádio - como meio de comunicação de massa - como um espaço de luta que ocorre em pequenos atos de resistência para alcançar a permanência, o reconhecimento e a memória.

Nesse contexto, mapear e registrar essas trajetórias não é apenas um exercício historiográfico, mas uma ação política de reparação simbólica, que busca devolver às mulheres a voz que o rádio, por tanto tempo, lhes tentou calar.

Considerações finais

É notório que tais resultados confirmam uma percepção empírica sobre o rádio esportivo maranhense: há uma invisibilidade quase total das mulheres nesse espaço nas cidades de Açailândia, Balsas, Caxias, Imperatriz e São Luís, no primeiro semestre de 2025. A presença quase solitária da setorista Natalhi Ribeiro evidencia um problema que vai além da simples disparidade numérica entre homens e mulheres em um meio de comunicação de massa: escancara o apagamento e o silenciamento das profissionais femininas no radiojornalismo esportivo do Maranhão.

As reflexões advindas da análise dos dados tornam-se ainda mais contundentes quando iluminadas pelos pensamentos feministas bell hooks (2013), Audre Lorde (2020) e Margareth Rago (2013, 1991), autoras que articulam questões de gênero, raça e poder sob uma perspectiva, muitas vezes, decolonial. Elas ajudam a compreender a ausência e invisibilidade da mulher no jornalismo esportivo no rádio, não como um processo natural, mas como um apagamento sistêmico do sexo feminino em uma história que é contada a partir do privilégio do que é ser homem em uma sociedade patriarcal.

Embora numericamente diminuta, a atuação da setorista Natalhi Ribeiro está longe de ser insignificante. Pelo contrário, as discussões aqui propostas deixam às claras o ato de resistência revolucionário que a presença dessa única mulher representa para a desconstrução das estruturas de poder como conhecemos, pois, mesmo sozinha, ela rompe a exclusividade masculina nesse

território tão hostil, sendo um indicativo primordial para a exposição das contradições desse campo jornalístico.

É urgente ampliar os estudos sobre a presença das mulheres no rádio esportivo e, mais ainda, promover ações que incentivem sua entrada e permanência nesse meio. Reescrever essa história exige um esforço coletivo, interseccional e consciente, que reconheça o valor dessas profissionais e combata o apagamento de suas trajetórias. O rádio, ainda que tradicional, continua sendo um campo de disputa simbólica, e torná-lo mais plural é também um gesto político de memória, justiça e transformação social.

Nesse sentido, refletir sobre a presença feminina no rádio esportivo maranhense não deve se limitar a constatar a ausência, mas a questionar as estruturas que a produzem e sustentam. Tão importante quanto ocupar o microfone é garantir que essas vozes sejam ouvidas, registradas e valorizadas. Afinal, ao resistirem e persistirem, essas profissionais não apenas rompem barreiras, mas pavimentam o caminho para que outras possam vir.

Agradecimentos

Agradecemos a gentileza e a colaboração de todos que tornaram possível a realização desse estudo. Deste modo, nossa gratidão à coordenadora do Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora, listado no CNPq, Izani Mustafá; e aos profissionais e pesquisadores: a jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMA, campus Imperatriz, Rafaette de Araújo (Açailândia), a locutora da Rádio Boa Notícia FM (91,1) Eanes Silva (Balsas), o diretor de jornalismo da Rádio Nordeste de Caxias FM (98,7), Jardel Almeida (Imperatriz), e o pesquisador Saylor Sousa (UFMA/São Luís). Por fim, nosso agradecimento à jornalista especialista em jornalismo esportivo e setorista da Rádio Timbira FM (99,5), Natalhi Ribeiro, revolucionária que nos permitiu encontrar uma voz feminina meio ao rádio masculinizado.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. TEDGlobal, 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 23 abr. 2025.
- AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES (ANATEL). *Sistema Mosaico*. Disponível em: <https://sistemas.anatel.gov.br/mosaico/>. Acesso em: 14 fev. 2025.
- BARBEIRO, Fernando; RANGEL, Nelson Hoineff. *Rádio e Jornalismo Esportivo: práticas e discursos da emoção*. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.
- BOTELHO, Gladson. 80 anos de rádio no Maranhão: breve histórico da Rádio Sociedade do Maranhão (UFMA), 2004.
- DUARTE, Constância Lima (org.). *Memorial do memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história*. 1. ed. Belo Horizonte: Luas Editora, 2022.
- FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; GOMES, Juliana; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A voz como marcador de exclusão de gênero no radiojornalismo brasileiro. In: COMPÓS – ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 32., 2023, São Paulo. Anais [...]. Campinas: Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-voz-como-marcador-de-exclusao-de-genero-no-radiojornalismo-brasileiro?lang=pt-br>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Narração de futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2020. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana, v. 14, n. 1, p. 105–133, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/6832>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- FERRO, Raphaela. A narração de futebol em uma paisagem sonora generificada. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.35, 2024.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Sandra Regina Haydu. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- IBGE. *Cidades e Estados do Brasil: Açailândia (MA)*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/acailandia/panorama>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- IBGE. *Cidades e Estados do Brasil: Balsas (MA)*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/balsas/panorama>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- IBGE. *Cidades e Estados do Brasil: Caxias (MA)*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/caxias/panorama>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- IBGE. *Cidades e Estados do Brasil: Imperatriz (MA)*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>.

Acesso em: 15 fev. 2025.

IBGE. *Cidades e Estados do Brasil: São Luís (MA)*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis/panorama>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e discursos*. Tradução de Heci Regina Candiani e Fernanda Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NASCIMENTO, Maria de Jesus. *Mulheres no jornalismo esportivo, um espaço antes dominado por homens: gênero, mulheres, machismo*. 2024. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Jornalismo Esportivo) – Fundação Sôsândrade de Apoio ao Desenvolvimento da UFMA, Faculdade Laboro, São Luís, MA, 2024.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RIBEIRO, Natalhi. Entrevista concedida à autora em 25 de janeiro de 2025.